

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto | Março 2022



Casas de férias | Minho | Portugal

Visita acompanhada

Associação de Estudantes da FAUP AEFAUP

Viagem direccionada a alunos que no ano passado frequentaram o 1º ano MIARQ

Programa:

Casa das Marinhas – Esposende
Viana de Lima

Casa Alves Costa – Moledo do Minho
Álvaro Siza

Casa em Moledo – Moledo do Minho
Eduardo Souto de Moura

Vill' Alcina – Caminha
Sergio Fernandez

“A Viagem – Portugal, Fernando Távora, A Nossa Escola e o Desenho

(...) Fernando Távora

Muitas vezes, questionado por questões construtivas ou formais, Távora dizia-lhes que fossem à janela porque aí, na cidade, encontrariam, pela positiva ou pela negativa, a resposta adequada. Mas, não fosse ele a apontar o lugar da solução, ninguém o descortinava e eu pensei: de facto, para ver o mundo da nossa janela é indispensável ter visto o mundo. Para ver, mais do que olhar, usamos o desenho. Por isso viajamos, olhamos, desenhamos, vemos. Os desenhos não substituem o real, mas explicam-no melhor do que a nossa preguiçosa experiência directa, porque entre ela e a sua representação existe um olhar que decifra todos os seus enigmas.

E registamos, mais do que no papel, na nossa memória, assim, transformado o real em matéria disponível para ser usada no complexo processo da criação. Frente a acusações de anticientífico e subjectivo, respondem os arquitectos: fundamentar na subjectividade a proposta é acreditar na capacidade de acumulação, tratamento, associação e selecção do cérebro humano.

Tinha livros e livros, poucos deles lidos para descobrir, mas sobretudo para confirmar e arquivar coisas vistas, sabidas, desenhadas por ele, incansável viajante. Os seus desenhos de viagem, extraordinário exemplo da sua inteligência e do seu talento, construído, dizia ele, de experiência acumulada da vida, os seus desenhos vão do registo mais ou menos impressionista ao rigor da representação mensurada, da cidade ao mais ínfimo pormenor e é muito interessante percebermos como são, simultaneamente, aquisição de conhecimento e demonstração dele. São desenhos vagarosos, cultos na selecção, caso a caso, do que é essencial e na eliminação de tudo o que é supérfluo.

Távora foi um observador atento, oposto ao turista que tira fotografias apressadamente e depois vê em casa o que não teve tempo para viver.”

Alexandre Alves Costa

Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa e Outros Textos, Porto, FAUP Publicações, 2ª edição, 2007.

“Esquissos de Viagem

Nenhum desenho me dá tanto prazer como estes: desenhos de viagem. Viajar é prova de fogo, individual ou coletivamente.

Cada um de nós esquece à partida o saco cheio de preocupações, aborrecimentos, stress, tédio, preconceitos.

Simultaneamente perdemos um mundo de pequenas comodidades e os encantos perversos da rotina.

Viajantes íntimos ou desconhecidos dividem-se em dois tipos: admiráveis ou insuportáveis.

Um bom amigo sofre verdadeiramente porque o mundo é grande. Jamais poderá permitir-se – diz – repetir uma visita; abala nervoso, crispado, os olhos a saltar das órbitas.

Por mim gosto de sacrificar muita coisa, ver apenas o que imediatamente me atrai, de passear ao acaso, sem mapa e com uma absurda sensação de descobridor.

Haverá melhor do que sentar numa esplanada, em Roma, ao fim da tarde, experimentando o anonimato e uma bebida de cor esquisita –

monumentos e monumentos por ver e a preguiça avançando docemente?

De súbito o lápis ou a Bic começam a fixar imagens, rostos em primeiro plano, perfis esbatidos ou luminosos pormenores, as mãos que os desenham.

Riscos primeiro tímidos, presos, pouco precisos, logo obstinadamente analíticos, por instantes vertiginosamente definitivos, libertos até à embriaguez; depois fatigados e gradualmente irrelevantes.

Num intervalo de verdadeira viagem os olhos, e por eles a mente, ganham insuspeita capacidade. Aprendemos desmedidamente; o que aprendemos reaparece, dissolvido nos riscos que depois traçamos.

Boston, Abril 1988”

Álvaro Siza

Alfredo Viana de Lima

(1913 - 1991)

“Alfredo Evangelista Viana de Lima nasce em Esposende, em 1913.

Em 1929 inicia, na Escola de Belas Artes do Porto, o curso de Arquitectura.

Obtém o diploma em 1941, com o trabalho "Biblioteca-Arquivo para o Ensino Universitário"; é-lhe atribuída a classificação de dezanove valores. Anteriormente àquela data, cumprida a parte escolar do curso, trabalhará durante quatro anos na Secção dos Monumentos Nacionais da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais do Ministério das Obras Públicas; essa actividade desenvolve-se sob a orientação do Arq.º Rogério de Azevedo, profissional cujas primeiras experiências - edifícios para o Comércio do Porto - naturalmente constituiriam referência importante, tanto no que se refere ao rigor do desenho como ao espírito de modernidade, elementos sempre presentes na obra de Viana de Lima. Membro do grupo ODAM, fundado no Porto em defesa de uma arquitectura moderna com efectivo alcance social, pugnará, em consonância com os restantes membros do grupo, por um novo entendimento da actividade profissional e por novas soluções que, tal como afirmaria no Congresso dos Arquitectos de 1948, implicam "...sejam seguidos e adoptados os princípios orientadores expressos na Carta de Atenas".

Em coerência com esta posição virá participar, a partir de 1951, em todos os Congressos do CIAM.

Com alguns parêntesis circunstanciais, como os que se verificam no fim dos anos cinquenta, quando a procura de valores reais na arquitetura popular portuguesa tem influência decisiva na produção erudita, na sua vasta obra será sempre legível um profundo enraizamento nas propostas de Le Corbusier. Citaremos apenas alguns dos projectos concretizados. De entre eles destacamos a Casa Honório de Lima, de 1939, obra que se "...apresenta... com uma inteireza conceptual que não existira, em tão alto grau, em qualquer obra anterior que, como ela, refletisse um pensamento e um gosto já elaborados no estrangeiro...", "uma obra - talvez a única - sem compromissos impostos ou sugeridos e aceites... umas das primeiras obras modernas do nosso País que explicitamente resulta de uma atitude

cultural de aceitação do universalismo de uma doutrina (no caso, a do Esprit Nouveau)...”.

Uma experiência com carácter semelhante será levada a cabo com a Casa Aristides, de 1951; fazendo uso de elementos plásticos idênticos, parece realizar-se um exercício de rigor na sua adaptação a uma moradia de muito menor escala.

Na Casa das Marinhas, de 1953, os pés-direitos duplos, a fenestração, a organização dos espaços interiores e exteriores e o uso sistemático do Modulor, evidenciam as fontes, presentes, também, no Bloco de Costa Cabral, do mesmo ano; à imagem de Marselha, a solução é estruturada em torno de uma rua interior.

Com desenho vigoroso sublinhado pelo geometrismo de uma placagem e pelo contraste entre volumes cegos e amplos envidraçados, a Faculdade de Economia da Universidade do Porto, de 1961, retomará a linguagem usada pelo Mestre suíço em edifícios de grande dimensão, como o da Sociedade das Nações. Neste mesmo ano, Viana de Lima é contratado como Assistente da Escola Superior de Belas Artes do Porto e obtém o Grande Prémio da II Exposição de Artes Plásticas da Fundação Gulbenkian.

No início de 1974, por despacho do Ministro da Educação Nacional, é nomeado Professor, cargo que ocupará até 1983, data a partir da qual será, em comissão de serviço, Professor da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa.

A partir de 1968, e depois de ter pertencido à Comissão Organizadora da Exposição de Arte e Arquitectura Portuguesas, integrada nas comemorações do IV Centenário do Rio de Janeiro, inicia a colaboração, em diferentes obras, com Óscar Niemeyer.

Como consultor da UNESCO estuda casos como os de Ouro Preto, S. Luís, Alcântara, Laranjeiras, S. Cristóvão, Marechal Deodoro e Penedo, no Brasil; em Histórico e Artístico Nacional do Brasil.

1972 é nomeado consultor daquela instituição junto da Direcção do Património Histórico e Artístico Nacional do Brasil.

Agraciado, em 1971, com a Medalha de Honra do Governo do Estado da Bahía, participa, como docente, em vários seminários de instituições universitárias brasileiras, entre 1974 e 1976.

Presidente da Comissão Nacional do Património Arquitectónico Europeu em 1975, virá mais tarde a ser nomeado Presidente da Comissão Organizadora do Instituto de Salvaguarda do Património Cultural e Natural.

Em 1977 é nomeado Consultor do Comissariado para a Renovação Urbana da Área da Ribeira-Barredo.

Incumbido pela Fundação Gulbenkian desloca-se, em 1981, à ilha de Moçambique para propor medidas tendentes à sua preservação.

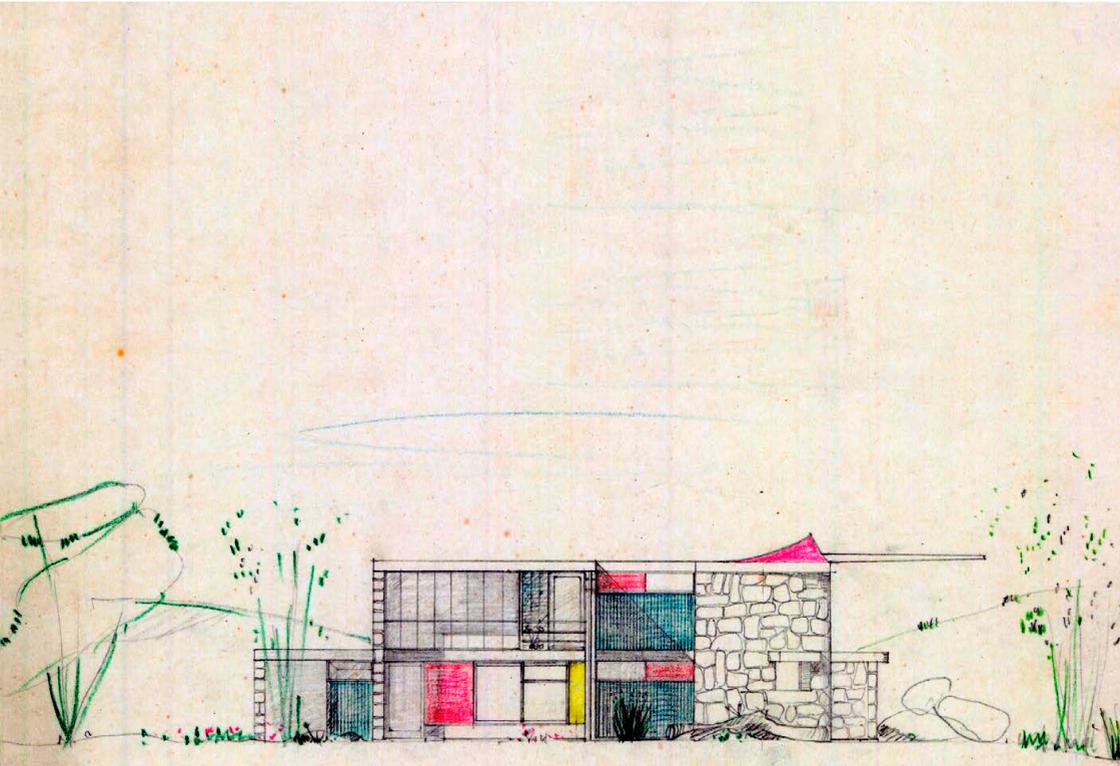
No ano de 1983 é nomeado Conselheiro da Universidade Técnica de Lisboa.”

Sergio Fernandez

Desenho de Arquitectura, Património da ESBAP e da FAUP, Universidade do Porto, 1987

CASA DAS MARINHAS | Esposende, 1954-57

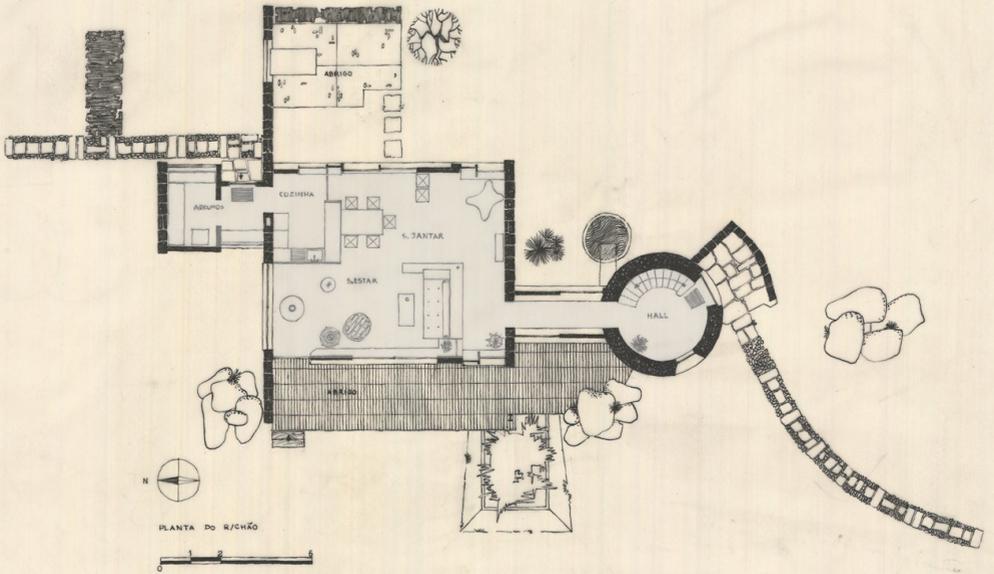


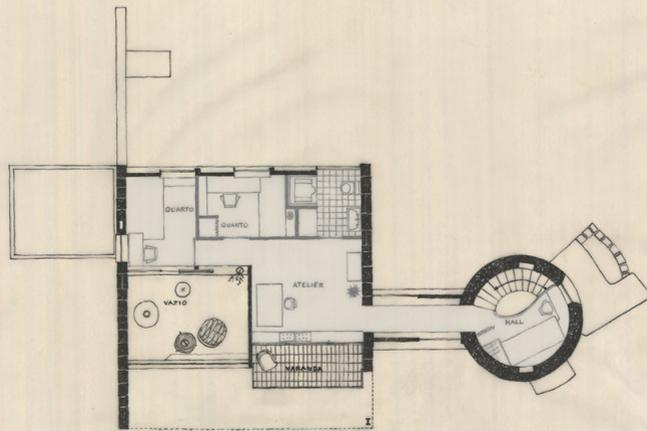


FACHADA FONTE - ESC. 1/100

11-12-24







PLANTA DO 1º ANDAR



Álvaro Siza

(1933)

CASA ALVES COSTA | Moledo do Minho, 1964-68

“A SUA CASA DE MOLEDO É UM SÍTIO DE PEREGRINAÇÃO.

A casa de Moledo tem uma coisa fantástica. É uma casa totalmente fechada para o exterior, do lado da rua. Este aspecto contribui para criar a dimensão de uma casa refúgio, muito reservada e íntima.

Mas, ao mesmo tempo, acaba por ser uma casa extremamente aberta à sociabilidade. No tempo do meu pai a porta nunca estava fechada e as pessoas entravam em casa livremente. Para viver bem essa sociabilidade a casa não poderia estar virada para a rua.

Se estivesse aberta para a rua, tudo em exposição permanente, teria sido impossível criar esta forte intimidade do ambiente interior.

Para viver a sociabilidade, como se vive ali, é importante que o espaço seja encerrado. A ideia de que é preciso abrir muitas portas como sinal de abertura à vida não é nada verdade. O espaço é fechado em si próprio, mas as pessoas entram livremente e, lá dentro, estão no seu próprio mundo. É um mundo dentro do mundo. Se fosse aberto para a rua não seria a mesma coisa, estaríamos sempre a ver o vizinho a olhar para nós. A casa prolonga-se com enorme naturalidade pelo terreno, arborizado, de tal maneira que este parece pertencer ao mundo do espaço interior. Foi difícil obter o licenciamento, porque não tinha janelas para a rua. Na Câmara Municipal de Caminha diziam que parecia um estábulo.

Esta casa foi pensada como uma espécie de criação de um mundo artificial em relação ao mundo público. Talvez todas sejam isso, mas aqui é muito assumido do ponto de vista conceptual. É quase toda encerrada para o lado da rua, tem apenas uma janela e um portão, mas não revela a entrada. A área mais íntima está completamente recolhida. O que é mais interessante nisto é que, independentemente de a casa ser aparentemente encerrada, isolada do mundo, tem, talvez exatamente por essa razão, uma grande capacidade de socialização.

As pessoas estão dentro e sentem-se dentro, não estão na rua. Por exemplo, as casas holandesas são todas abertas para a rua. Não se passa

nada lá dentro, porque estão sempre em exposição. É muito repressivo! Aqui é absolutamente o inverso. Lá dentro a rua deixa de existir. Temos um mundo próprio e pessoal.

Se entrarmos na casa podemos ver o que o Álvaro faz sempre nos seus projectos. Não existe uma entrada directa. Há sempre um percurso sinuoso, como uma promenade em que nos vamos apercebendo da casa, vai-se sentindo aos poucos.

Entramos pelo portão em sentido oposto à porta de entrada e temos de fazer uma viragem para entrar na casa. Entramos e ainda não estamos na sala, estamos num espaço intermediário, que é um percurso sinuoso. É verdadeiramente labiríntico, não se sabe o que se vai ver nem aonde vamos ter e de repente entra-se na sala, uma sala grande totalmente aberta, como referi há pouco, para o lado do terreno interior. Esta sala é uma verdadeira surpresa. No Verão, quando se abre isto tudo, os espaços exteriores e interior formam um conjunto único, não há propriamente uma separação. Aliás, eu digo muitas vezes às pessoas para entrarem, quando estamos cá fora no Verão, e entrar é vir para fora também.

Toda a casa está pensada como uma espécie de "U" aberto totalmente para o pátio. A vida que se passa no pátio e a que se passa lá dentro é completamente interdependente.

Além do mais, a sala tem uma forma muito complexa que permite utilizações muito diferenciadas.

Há zonas mais sombreadas, há zonas mais luminosas, há zonas mais aconchegadas, há zonas mais abertas e nós vamos movendo conforme o calor ou o frio, conforme o tipo de pessoas que aqui estão. Assim, vamos vivendo este espaço de uma forma extremamente diversificada. Parte da mobília é também desenhada pelo Siza: a cama, esta estante. Aquela mesinha é do arquitecto Távora. Enfim, fomos enchendo a casa aos poucos com as coisas dos amigos. Tenho também objectos nas paredes, quadros de pessoas amigas.

Não quero que esta casa tenha uma grande acumulação de coisas, porque quero favorecer uma leitura clara do espaço que, para isso, não pode estar sobrecarregado.

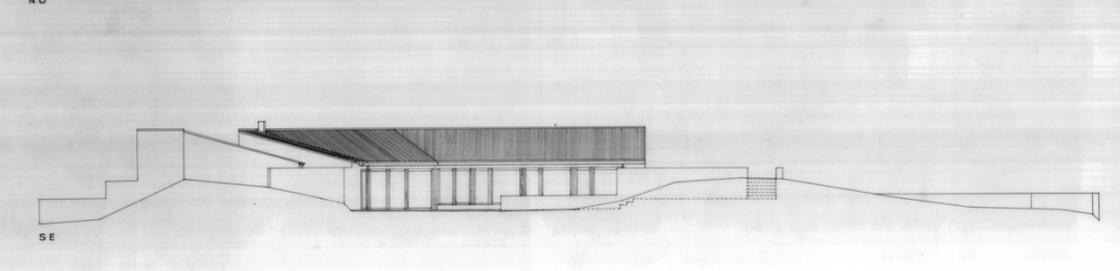
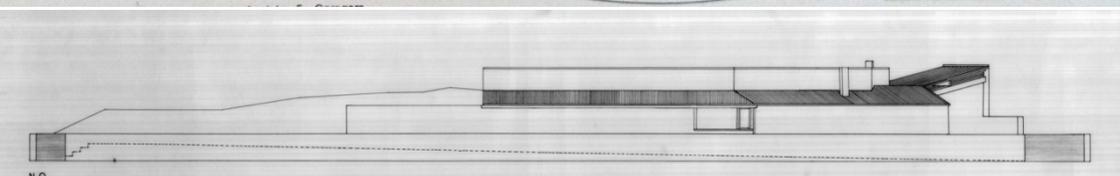
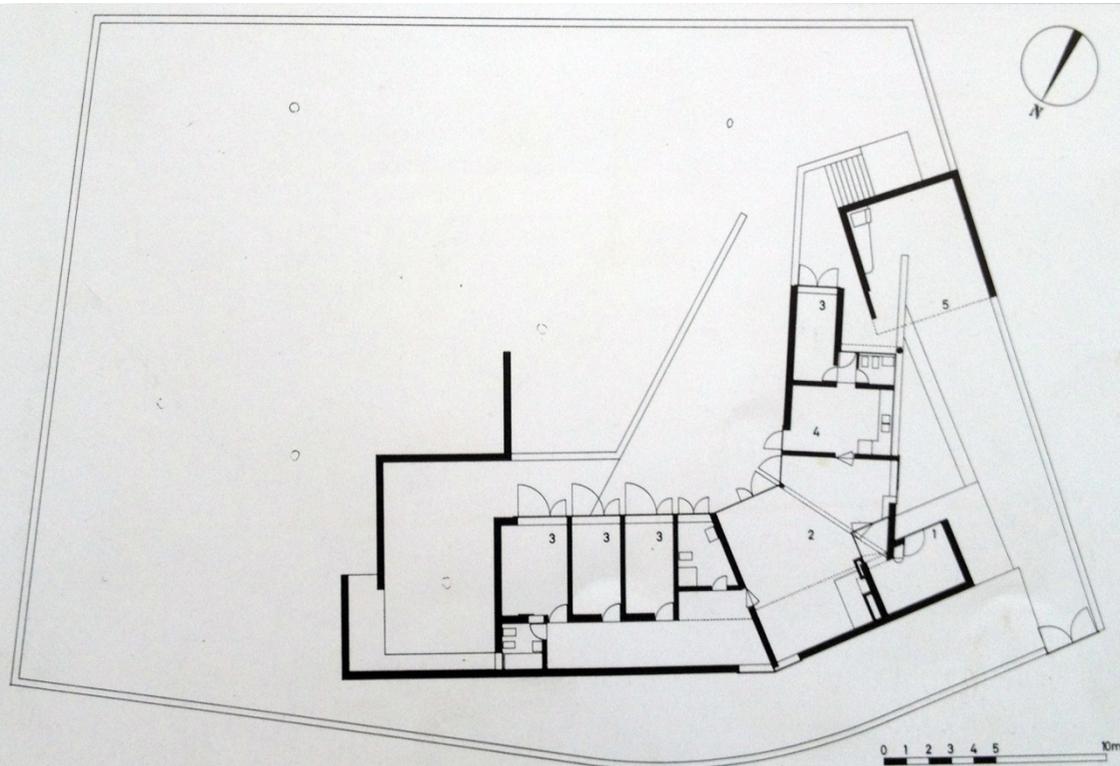
Nesta casa, inicialmente, todas estas caixilharias eram de madeira à vista, mas o Siza, num determinado momento, achou que a madeira à vista era muito impositiva, que não favorecia uma leitura do espaço.

Por isso resolvemos (ele é que resolveu, com algum desgosto da minha mãe...) pintar tudo de branco, caixilharias, paredes, tecto. De repente, é verdade que o espaço da casa ganhou uma muito maior legibilidade. Foi uma decisão extremamente importante. Creio que foi a primeira vez que o Álvaro pintou as madeiras das caixilharias interiores e exteriores. É uma casa muito simples, mas, simultaneamente, muito complexa. Foi pensada para receber amigos. A porta está aberta..."

Alexandre Alves Costa

A Casa de Quem Faz as Casas, Os Verdes Anos, 02. Público, 2016





Eduardo Souto de Moura
(1952)

CASA EM MOLEDO | Moledo do Minho, 1991-98

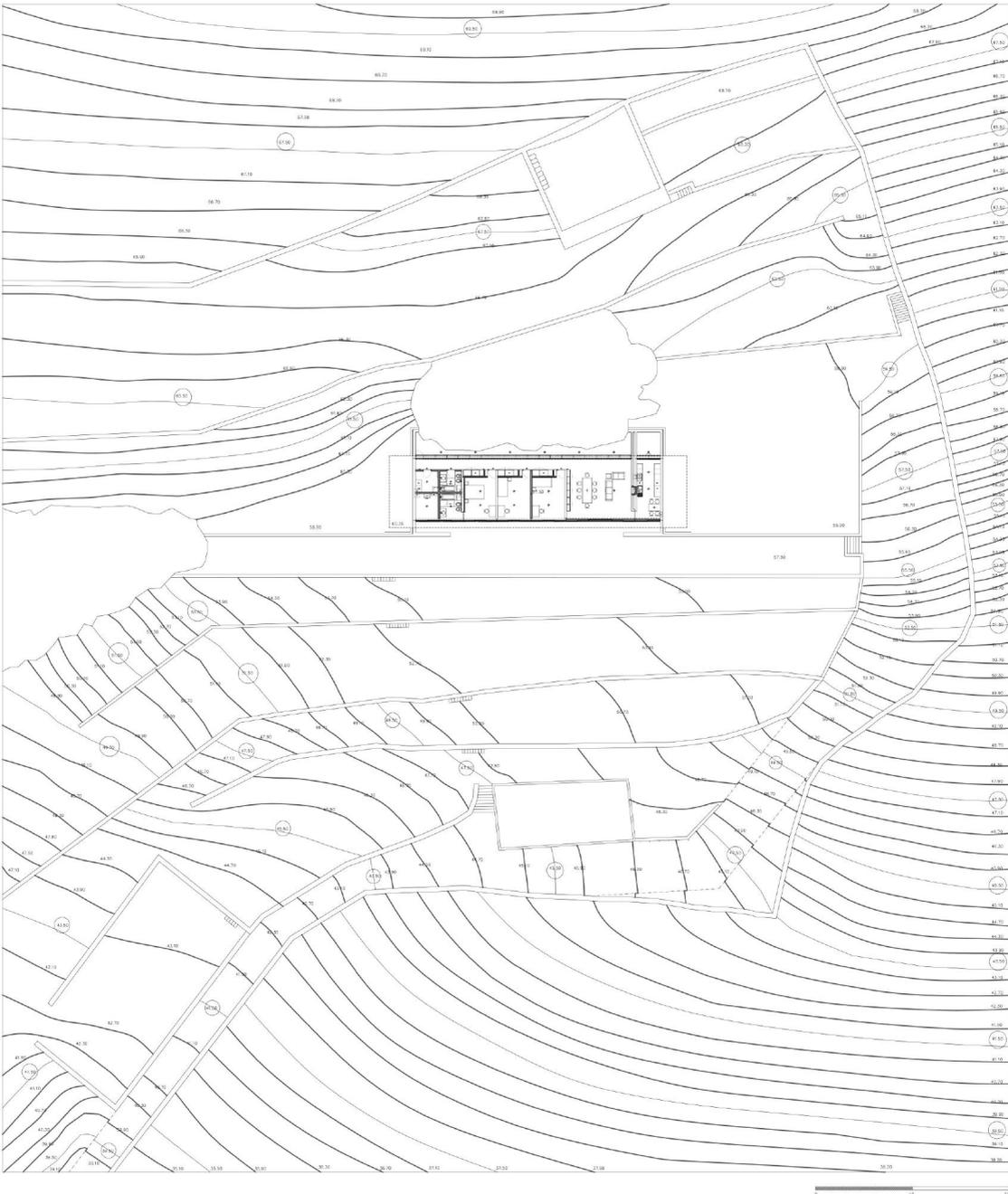
"After the experience at the Baião House, I felt that it would be more natural, in Portugal, to design wooden frames. To this end, the roof has to be exposed to view, declaring itself a new object, visible as if fallen from the sky.

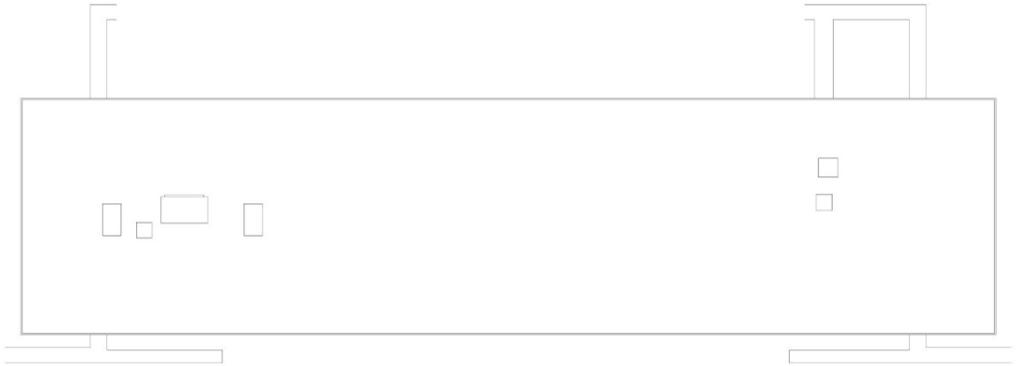
The project set out to redesign another, earlier house, analogous in terms of site, program and materials. One exception, one aspect that was not a redesign, is that we had to reconstruct the hillside with new retaining walls and platforms, and this cost more than the house itself. "Le coeur a des raisons... "

The client, as an intelligent man, was in agreement, and during seven years the house progressively gained in autonomy, passing from the redesign to the specific design for the occupants and the site which we progressively discovered and modified."

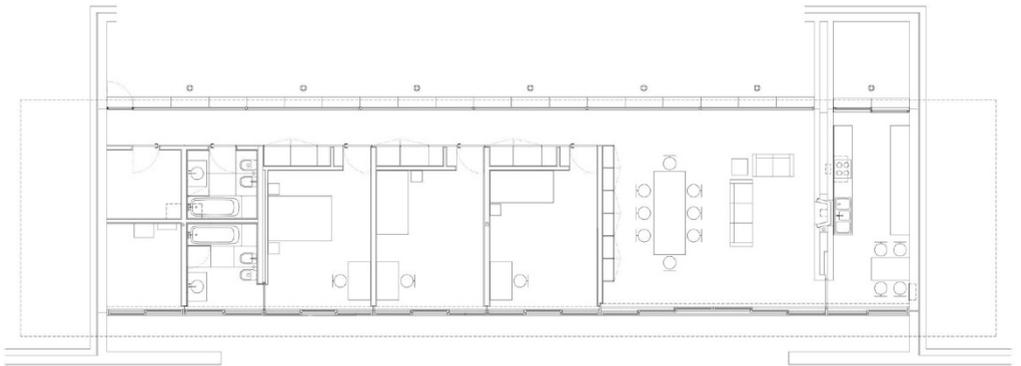
Eduardo Souto de Moura, HOUSE IN MOLEDO,
<https://divisare.com/projects/287583-eduardo-souto-de-moura-luis-ferreira-alves-house-in-moledo>







ROOF PLAN

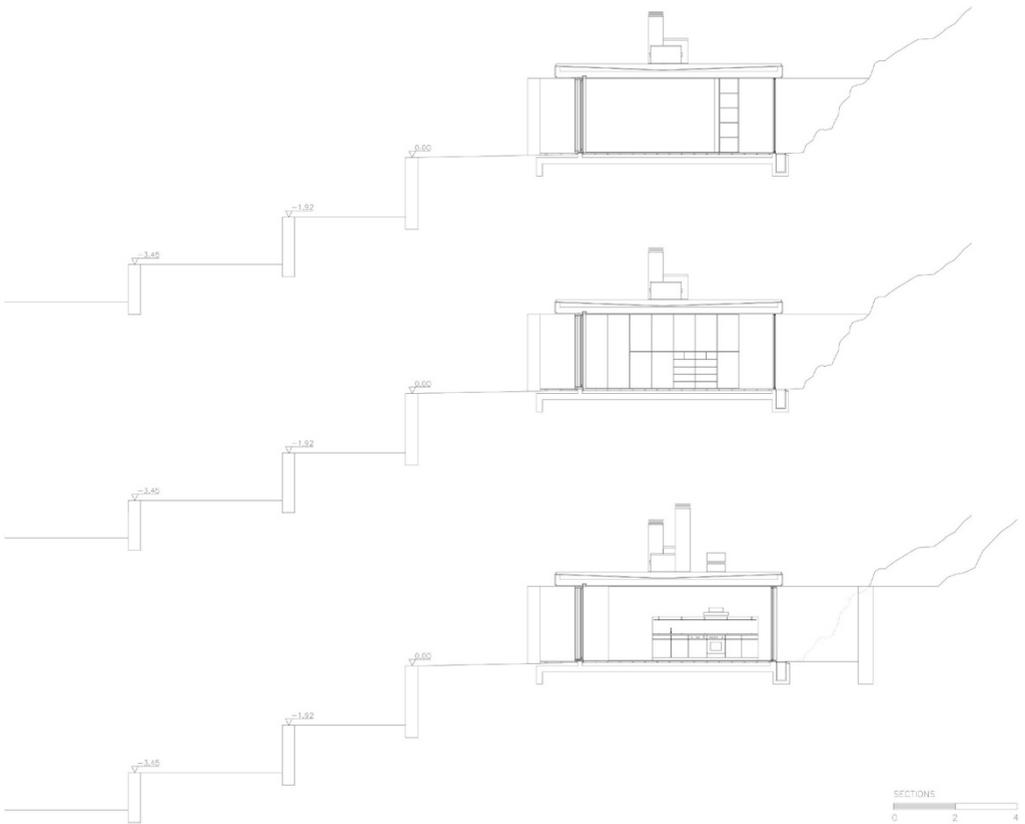


PLAN



WEST ELEVATION





Sergio Fernandez

(1937)

VILL' ALCINA | Caminha, 1971-74

“Duas casas que se repetem porque ambas refletem os mesmos fins. Espaço essencialmente de lazer, permitindo, em simultâneo, o necessário isolamento para ocasiões de reflexão e trabalho; ouvir música na presença de uma paisagem que, mais do que o arquiteto, determinou a invenção do projeto.

O mar, a Ínsua e a foz do Minho quase à mão, se entre o terreno e eles não houvesse um desnível de mais de cem metros. O Monte de Santa Tecla, do lado de lá do rio, na Galiza, elevando-se, não poucas vezes e tal como as casas, acima das nuvens.

Um eixo traçado em largo gesto de concordância com o terreno estabelece o desenvolvimento horizontal dos dois fogos que, assim, acentuam a sua capacidade de permanente contacto com a terra, as rochas e o sol.

Nesse elemento de composição se apoiam, de um lado, a entrada, a zona da cozinha, o banho e as zonas de dormir – alcovas encerráveis por cortinas de lona e definidas, tão só, por estrados de madeira. A coerência do conceito foi conscientemente traída pela presença de uma porta que procura garantir a um dos espaços uma maior, e desnecessária, sensação de privacidade. As alcovas, sem móveis, compartimentos de uso ambíguo, abrem-se para uma galeria totalmente envidraçada sobre a panorâmica; lugar de contraste, convida à permanência e à invenção de diferentes funções.

Do lado oposto desse mesmo eixo que se fratura, aberto, num coberto para abrigo de carros e separação das casas, organizam-se as salas, próximas do terreno, mais baixo; o seu espaço contínuo unifica os diferentes níveis de cada fogo. As ligações com o exterior permitem a existência de recantos protegidos. Em cada casa uma lareira é coroada por um extenso banco que conforma a zona de refeições e determina o espaço da cozinha, sem impedir que o mesmo se prolongue visualmente pela sala.

A construção, em granito e betão aparente é rude como o terreno e as rochas que dele emergem. O telhado, tão inclinado como o chão do monte. No interior, a presença da madeira em tetos e paredes visa a desejada condição de conforto.

Usufruir de uma paisagem deslumbrante, estabelecer com essa paisagem uma relação permanente na fusão das casas com o terreno que sobre ela se debruça a grande altura, e fazer com que se transformem em abrigos acolhedores, simples e, simultaneamente tão versáteis quanto possível, foi o objetivo.

Como ponto de partida, a procura da máxima identidade entre a intervenção a projetar, o terreno que lhe dá suporte e identidade, sobretudo, com uma caracterizada proposta de vida pautada pelo essencial.”

Sergio Fernandez, Arquiteto

Fev. 2006

<https://up.pt/casacomum/escritos-escolhidos/9-sergio-fernandez/>

"A Vill'Alcina foi desenhada em 1974 pelo arquiteto Sergio Fernandez. Localizada em Caminha, norte de Portugal, num terreno com elevado declive voltado para o morro de Santa Tecla, parece celebrar o encontro do rio Minho com o mar.

Uma casa de férias para si, com o mínimo imprescindível para viver: esse era o programa idealizado pelo arquiteto.

"Esta casa não tem requinte nenhum, de nada, é realmente o mínimo que se pode fazer, e esta é a qualidade que a casa tem.".

Acontece que vindo de uma pessoa como Sergio, nada poderia ser tão simples.

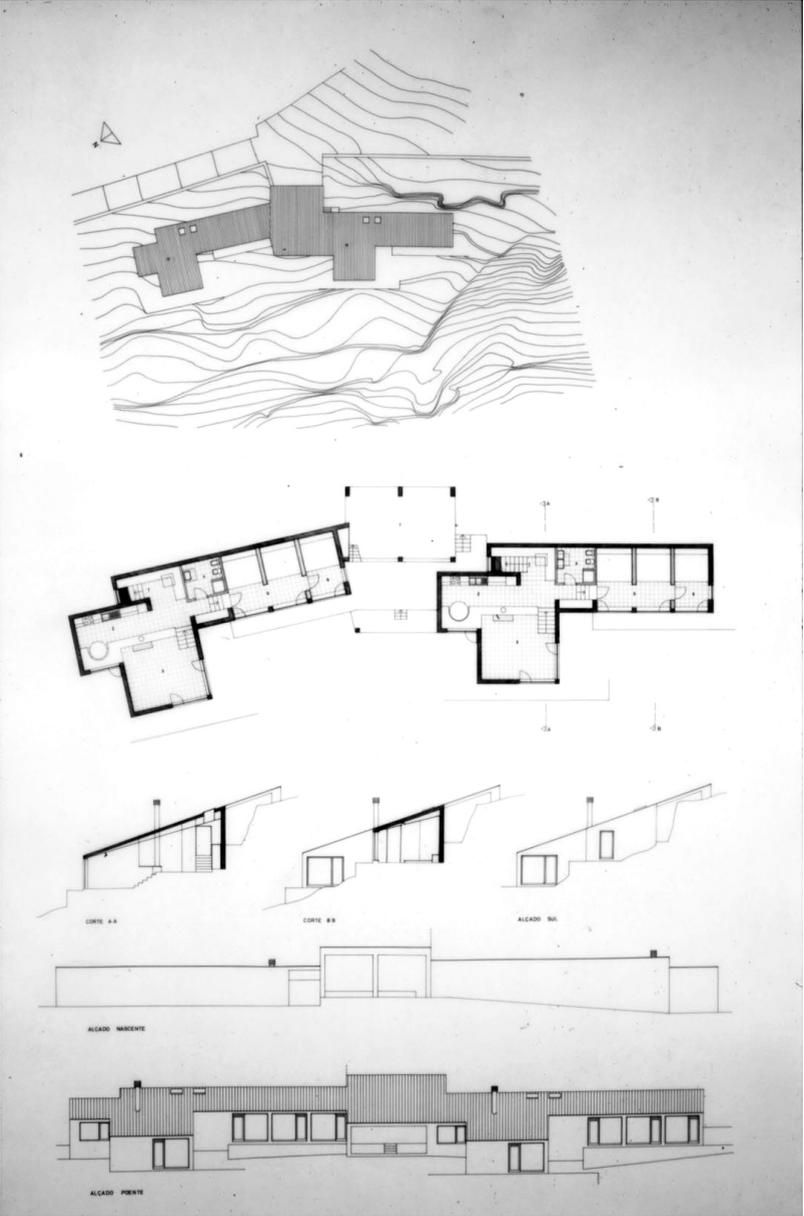
A casa é o seu reflexo, pessoa acolhedora que sorri com os olhos, e eu não poderia ter começado este texto sem antes visitar sua arquitetura. Ingenuamente achei que sim, e que depois da visita faria pequenos ajustes e sutis alterações na narrativa. Porém eu estava enganada, este texto jamais poderia existir sem essa experiência. Sem a conversa com Sergio. Sem ter sido tocada por aquela luz e aquela cor. Qualidade que nos aqueceu e nos invadiu assim que abrimos a porta, descemos o primeiro lance estreito de escadas e, no último patamar, fomos conduzidos para outra direção.

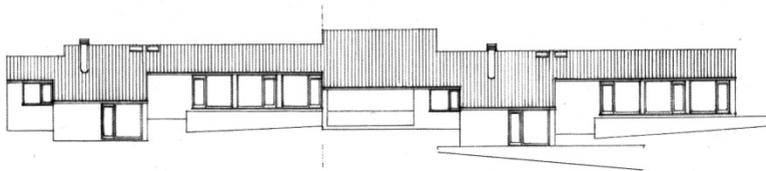
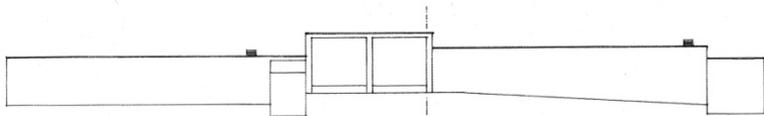
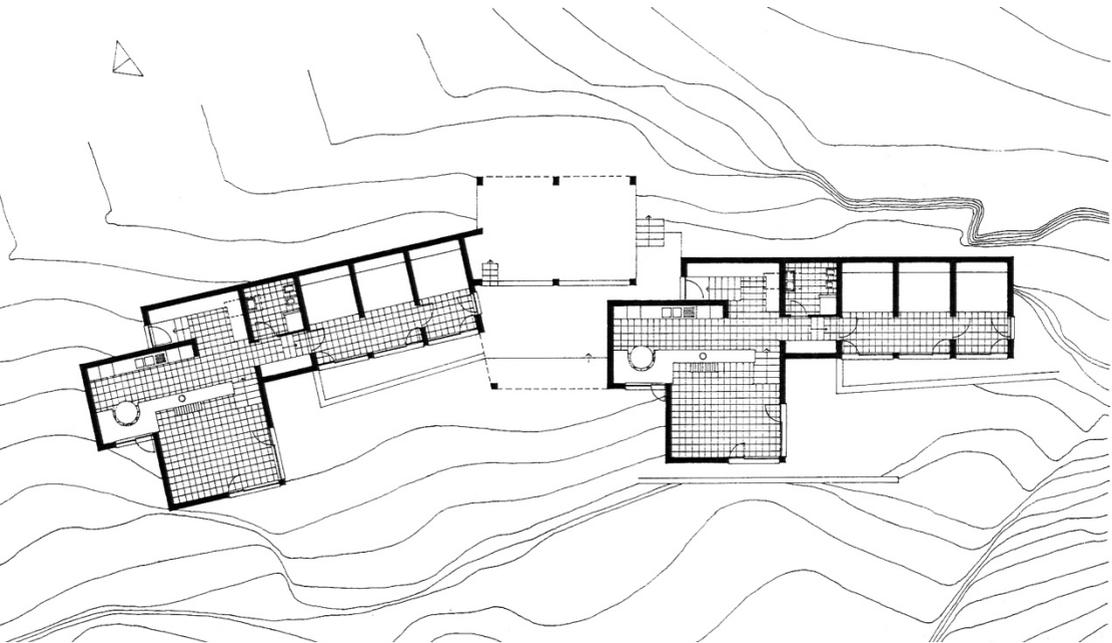
É quando, então, a casa se abre.

E nesse momento, no nível mais baixo da casa, na sala, Sergio faz os trilhos cantarem e, num gesto cenográfico, abre as cortinas nos revelando a paisagem. Enquadrada por ele (...)"

Germana López Souza, *Vill'Alcina*, Fundação Marques da Silva, Porto, 2021







Bibliografia:

ALVES COSTA, Alexandre - A Casa de Quem Faz as Casas. Os Verdes Anos, 02. Lisboa: Público, 2016

ALVES COSTA, Alexandre - Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa e Outros Textos, Porto: FAUP Publicações, 2ª edição, 2007

Atelier 15 - Alexandre Alves Costa, Sergio Fernandez. Lisboa: UZINA books, 2014

FERNANDEZ, Sergio - Desenho de Arquitectura, Património da ESBAP e da FAUP. Porto: Universidade do Porto, 1987

SIZA, Álvaro - Esquissos de viagem. Porto: Documentos de Arquitectura, 1988.

Só nós e santa Tecla: a casa de Caminha de Sergio Fernandez. Porto: Dafne, 2008

SOUZA, Germana López - Vill'Alcina. Porto: Fundação Marques da Silva, 2021

<https://up.pt/casacomum/escritos-escolhidos/9-sergio-fernandez/>

<http://www.jackbackpack.org/a-casa-do-lado>

<https://divisare.com/projects/287583-eduardo-souto-de-moura-luis-ferreira-alves-house-in-moledo>

imagens

casa Sergio Fernandez: fotografias de Inês d'Orey:

<http://www.inesdorey.com>

casa Eduardo Souto de Mora: fotografias e texto em:

<https://arquitecturaviva.com/works/casa-en-moledo-0>

Restantes imagens e desenhos Casa Alves Costa: colecção particular